

## Apresentação

Elaine Ferreira  
Heloisa Josiele Santos Carreiro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERREIRA, E., and CARREIRO, H.J.S. Apresentação. In: SANGENIS, L.F.C, OLIVEIRA, E.F.R., and CARREIRO, H.J.S., eds. *Formação de professores para uma educação plural e democrática: narrativas, saberes, práticas e políticas educativas na América Latina* [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018. Pesquisa em educação / Formação de professores series, pp. 11-27. ISBN 978-85-7511-484-1. <https://doi.org/10.7476/9788575114841.0002>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# Apresentação

Elaine Ferreira  
Heloisa Josiele Santos Carreiro

O presente livro nasceu como celebração de vinte anos do Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão Vozes da Educação: Memória(s), História(s), Formação de Professores. Reúne textos de pesquisadores do Brasil e da América Latina que participaram do *VI Seminário Vozes da Educação 20 Anos: Memórias, Políticas e Formação Docente*, no segundo semestre de 2016. O evento ocorreu na Faculdade de Formação de Professores, unidade externa da UERJ, localizada no município de São Gonçalo – RJ. O grupo foi criado em 1996, sendo inicialmente nomeado como *Núcleo de Pesquisa e Extensão Vozes da Educação: Memória e História das Escolas de São Gonçalo*, e tinha como objetivo principal promover a reconstrução da memória e da história das escolas da cidade. Isso ocorria por meio do diálogo com os sujeitos que dinamizavam o cotidiano escolar, especialmente os professores, constituindo um exercício de autoformação e rememoração de eventos, fenômenos e experiências pedagógicas – políticas e afetivas – que historicizam os espaços e com eles se envolvem.

O Grupo de Pesquisa Vozes da Educação: Memória(s), História(s), Formação de Professores, atualmente articula quatro linhas de pesquisa: a) Memória e história das escolas de São Gonçalo; b) Memória, história e formação de professores no Brasil; c) Processos formativos: concepções, memórias, narrativas e práticas; e

d) Vozes da Educação: estudos da infância, formação de professores e diversidade cultural. As linhas de pesquisa mobilizaram as discussões dos quatro eixos de discussão do VI Seminário, a saber: 1) Formação docente, memórias e narrativas; 2) História, políticas e direito à educação; 3) Identidades, interculturalidades e educação; e 4) Linguagens, saberes e práticas educativas. Nestes eixos organizados pelo evento, foram gestadas as discussões e as escritas de pesquisadores que estabelecem diálogos com questões levantadas pelo grupo, compartilhadas aqui em 17 capítulos.

Considerando a atual conjuntura brasileira de revogação e restrição de direitos políticos, sociais e civis, objetivamos, com os textos a seguir, contribuir para o debate acerca dessas questões em toda a América Latina. Alguns sinais desse processo são demonstrados por meio da privatização dos serviços públicos, dos cortes profundos referentes ao investimento em saúde e educação e da tentativa de uma desapropriação docente do exercício autônomo de sua profissão. Nessa perspectiva, organizamos os textos em quatro partes: 1) Narrativas e formação de professores; 2) Desafios político-pedagógicos para a formação de professores na América Latina; 3) Saberes, práticas e políticas na formação de professores; e 4) Movimentos sociais e direitos à educação. Assim, cada seção é dinamizada por um conjunto de capítulos que nos ajudam a compor a celebração de vinte anos do Grupo Vozes da Educação.

O livro traduz-se como uma comemoração que avança o espaço-tempo no qual as discussões foram gestadas: o VI Seminário Vozes da Educação. Aprofunda o diálogo com as pessoas presentes no evento, além de manter e ampliar o debate com os que compartilham de sua trajetória político-formativa de pesquisa e trabalho docente. Também se apresenta como um convite reflexivo e dialógico a todos que compartilham de elementos e questões que atravessam sua militância pedagógica e investigativa, em

diversas cidades do estado do Rio de Janeiro, ao longo dos últimos vinte anos.

A primeira seção do livro traz capítulos que dinamizam questões tematizadas por *Narrativas e formação de professores*. É composta por quatro capítulos que trazem experiências e reflexões que nos provocam a perceber como as histórias, as narrativas e o diálogo com as memórias docentes são repletas de diversidade. As experiências investigativas aqui compartilhadas nos ajudam a perceber que os professores e suas práticas buscam historicizar, politizar e militar na sua profissão por meio das suas pesquisas.

A pesquisadora Inês Ferreira de Souza Bragança, com o capítulo “Histórias de professoras e *pesquisaformação*: círculo virtuoso *narrativaescuta*”, retoma os caminhos da perspectiva de *investigaçãoformação* e da *pesquisaformação*, entendendo que “as biografias educativas das professoras são um convite à aprendizagem”. Adquirimos saberes importantes quando ouvimos as vozes dos educadores sobre os diferentes caminhos pelos quais o trabalho docente se desenvolve: as histórias de formação profissional, a inserção em diferentes contextos educacionais, a interação com outros profissionais e com os educandos e a busca por consolidação de uma prática-pedagógica investigativa são exemplos da tessitura desses caminhos. A autora apresenta questões que “articulam as experiências vividas como professora dos anos iniciais e, depois, formadora de professores na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/ UERJ), juntamente com o Núcleo Vozes da Educação”. Assim, possibilita que o leitor tenha noção das complexas tramas formativas pelas quais se tecem a formação dos professores.

Ana Cristina Menegaz dos Santos Carpi e Jacqueline de Fátima dos Santos Morais compartilham a quatro mãos a autoria do capítulo “A escrita de memoriais de formação: algumas notas”. Nele, as autoras contam uma das experiências dissertativas

do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Leitura e Escrita. Este assume, como perspectiva epistemológica, a produção de memoriais em seus trabalhos de pesquisa e atividades docentes, por acreditarem que esse instrumento investigativo encharca a escrita de vida. As autoras defendem que “a escrita do memorial de formação, como parte da produção de um texto acadêmico, reside no reconhecimento de que escrevê-lo é viver uma experiência singular. Quem o faz realiza um mergulho, em diferentes níveis de profundidade, na sua história pessoal e profissional, cujos processos e vivências habitam e marcam cada um de nós”. Neste sentido, o trabalho de pesquisa articulado pelas autoras nos ajuda na compreensão de que autonarrativas são instrumentos de autoconhecimento e de reconhecimento de trajetórias co-construídas socialmente em torno das experiências formativas.

Um grupo de pesquisadores da Unicamp participantes do *Grubakh* – Guilherme do Val Toledo Prado, Grace Caroline Chaves Buldrin Chautz, Marissol Prezotto, Liana Arrais Serodio e Heloísa Helena Dias Martins Proença – compartilha a escrita do capítulo “Uma narrativa de amorosidade: reflexões bakhtinianas a partir dos encontros com sujeitos das e nas escolas”. O texto suscita discussões sobre narrativas a partir da compreensão de aportes bakhtinianos, enquanto opção teórica-metodológica. Também concebe múltiplas possibilidades de “impressões presentes em excedentes de visão, no encontro com outros, de nós mesmos e de outros”. O capítulo apresenta a compreensão de que o cotidiano escolar está encharcado de acontecimentos, com os quais se busca “compreender as narrativas pedagógicas que trazem um conteúdo impregnado e próximo do mundo da vida e do mundo da cultura”. Trata-se de uma leitura que nos ajuda a constatar a importância de se narrar as experiências pedagógicas que cotidianamente desenvolvemos na escola, percebendo aprendizagens no exercício narrativo para quem narra e para quem se forma, deforma-se e

reforma-se em diálogo com os conteúdos que elas trazem, sempre atemporais em termos de reflexão da práxis.

Encerrando a primeira seção de textos do livro, apresentamos “Um trajeto como travessia: a problematização da escrita acadêmica como contorno metodológico possível”, escrito por Anelice Ribetto. O capítulo traz conversas e estudos gestados no *Coletivo Diferenças e Alteridade na Educação* (FFP/UERJ) sobre o exercício de pensar contornos metodológicos possíveis na problematização da escrita acadêmica. Expressa também os esforços da autora “por materializar em alguns ensaios as perguntas que a acompanham desde a escrita de sua dissertação de mestrado, da sua tese de doutorado e, atualmente, como professora que escreve e que acompanha formas de fazer pesquisa e de escrever de estudantes de graduação e de pós-graduação em educação”. As reflexões e experiências apresentadas pela autora desvelam ensaios e saberes que o coletivo vem conseguindo acumular, no enfrentamento do desafio de repensar caminhos e descaminhos para a reinvenção da escrita enquanto exercício de registro do processo de formação e produção de conhecimento na academia.

A segunda seção do livro, intitulada “Desafios político-pedagógicos para a formação de professores na América Latina”, evidencia o exercício de diálogo do Grupo Vozes da Educação com pesquisadores que atuam na América Latina, pois sofremos com um processo de colonização severo e desejoso de apagar as raízes culturais dos primeiros habitantes das nossas terras. Reconhecemos que fomos estigmatizados por nossos colonizadores, tidos como selvagens e sem cultura e subalternizados nos aspectos culturais, sociais e econômicos. Assim, os povos originários da América Latina, e outros que nela foram escravizados e violentados, resistem pensando com perspectivas originais que nos ajudam a projetar caminhos para formação docente. Isso considerando o reconhecimento, o reempoderamento e a reapropriação das lógicas, dos saberes,

das culturas e dos modos de produção científica e tecnológica dos povos que marcam nossa ancestralidade. Desse modo, lutamos sem dúvidas contra os modos de estigmatização que as formas escolares hegemônicas, atualmente e em grande parte, infligem, por meio de políticas educacionais e econômicas, em uma tentativa de continuidade da imposição de um modo de ver e descrever o mundo com outras lentes, que não aquelas construídas pelos povos latinoamericanos.

Abrindo a reflexão dessa segunda parte temos o capítulo “El accionar de un congreso internacional sobre interculturalidad, en la voz reflexiva de profesores indígenas”, de autoria de Antonio Carrillo Avelar e Rosani Moreira Leitão. Os pesquisadores compartilham a compreensão de eventos acadêmicos como espaços interculturais de formação. Interpretam um congreso internacional como “uma área que oferece a possibilidade de ‘contar uma história social compartilhada’ por meio da experiência direta dos participantes”, sendo “semelhante a um centro que irradia cultura, de modo que os assistentes ou observadores parem de cumprir um papel passivo e se tornem protagonistas de um campo de conhecimento”. As questões ligadas aos indígenas se desdobram no inventário apresentado no texto, em torno dos congressos que se mobilizaram pelo reconhecimento da cultura dos povos originários do território latinoamericano.

As reflexões de Gabriela Herczeg apresentadas no capítulo “El (im)posible desafío de desheterossexualizar el curriculum”, que se origina a partir de “múltiplas identificaciones e posiciones políticas”, constituem-se das contradições que a tornam mulher e educadora de uma instituição pública. Dentre as experiências pautadas pela escrita, a autora discute parte de suas preocupações e de sua militância política, nas questões abordadas pelo Estado argentino sobre a sexualidade. Assim, seu texto trança três temas: formação docente, os estudos feministas e as ações político-educacionais.

Ao trançar esses fios em suas reflexões, a autora revela o quanto as ações pedagógicas, que deveriam ser orientadas pelos princípios da laicidade, ficam aprisionadas por um elemento legislativo, que determina que a educação sexual deve ser desenvolvida em diálogo com outras instituições sociais, como por exemplo as igrejas cristãs, que pautam suas ações em ideologias, extremamente conservadoras. Desse modo, umas das fortes contribuições da pesquisadora é a crítica ao avanço do conservadorismo e da extrema direita em todo o mundo, especialmente nos países da América Latina que vêm suprimindo, por meio de políticas curriculares e de formação docente, a autonomia pedagógica dos professores.

A pesquisadora Bernardete A. Gatti desdobra as discussões que trouxe ao VI Seminário Vozes da Educação e escreve o terceiro capítulo: “Formar professores no Brasil: contradições, políticas e perspectivas”. A autora aprofunda as questões políticas, científicas, educacionais, sociais e culturais que envolvem a formação de professores em países da América Latina. Os estudos desenvolvidos revelam que enfrentamos, na contemporaneidade, desafios ligados aos diálogos entre as questões pedagógicas e as tecnologias. Isso demanda pensar uma formação docente na qual esses elementos se encontrem constituídos em “nossa trajetória histórico-social e cultural”. Outros desafios em diálogo com as questões tecnológicas dizem respeito ao nosso modelo de sociedade que é gestada pelo capitalismo. Nela, impera a competitividade e o individualismo nas interações humanas. Em diálogo com as reflexões da autora, apostamos que a formação docente pode nos encorajar a pensar práticas educativas que se reinventem, a partir de novas linguagens, desafiando-se a reconhecer e a valorizar a pluralidade cultural e a constituição de relações solidárias que se pensem a partir de conceitos ligados à justiça social. Defendemos que a educação tem um papel transformador na sociedade. Isso nos faz compreender a motivação de Gatti, ao considerar que a “formação inicial de



docentes no ensino superior é importante, na medida em que nas sociedades contemporâneas os processos de escolarização das novas gerações têm papel extremamente relevante” na formação social dos educandos.

Encerrando essa parte, trazemos o capítulo “Lendo *Cartas londrinas*: Aprendendo a ouvir melhor as vozes brasileiras”, de autoria da pesquisadora Regina de Fatima de Jesus. O texto traduz-se como uma homenagem a Regina Leite Garcia, uma das educadoras brasileiras que mais publicou estudos sobre a alfabetização das classes populares. Garcia, ao longo de sua militância político-educacional, lutou contra o processo de colonização acadêmica das práticas pedagógicas, pois sua defesa era a de que cada professora-alfabetizadora deveria ser essencialmente pesquisadora de sua própria prática. O capítulo aprofunda seus estudos em diálogo com *Cartas londrinas*, de Regina Leite Garcia, entendendo essa obra como um marco em seu processo de formação docente. Na produção de sua tese de doutorado, a autora do texto investigava “em que momentos das histórias de vida de professoras negras [...] elas assumiam/afirmavam suas identidades étnico-raciais e de que maneira esta afirmação identitária transformava suas práticas pedagógicas”. Os estudos apresentados por Regina de Jesus afirmam a importância de ter seguido o conselho de Garcia, ao defender que para se “ler melhor a realidade brasileira [...] antes de ler, precisava ouvir”. Afinal, sem esse movimento pouco se conseguiria dialogar com as lógicas das camadas populares, sem subalternizá-las. Concorde ainda com os estudos apresentados no texto sobre a afirmação da importância de que, para se investigar outras matrizes culturais, faz-se necessário ouvir suas lógicas, seus modos de ser, de interpretar e de interagir entre si e com o mundo, pois o exercício da escuta é fundamental na militância diária contra o racismo. O texto desdobra, ainda, reflexões sobre as políticas

públicas que vão estabelecendo no cotidiano escolar ações para a dinamização de uma educação antirracista.

A terceira parte deste livro articula cinco capítulos a partir da seguinte temática: “Saberes, práticas e políticas na formação de professores”. Os autores que trouxemos para o desenvolvimento da temática procuram explicitar, por meio de seus estudos e pesquisas, o dinamismo da formação docente composta por três fios: a) *o fio dos saberes docentes* que nascem das experiências de humanização, das interações com o outro, da formação inicial e da formação continuada; b) *o fio das práticas pedagógicas*, pois o fazer docente é compreendido como formador singular. Afinal, planejar, executar e refletir sobre a própria prática muito contribui com a nossa formação profissional, assim como compartilhar as práticas com pares profissionais e ponderar as ressonâncias que as mesmas produzem nos educandos muito nos ajudam a melhorá-las; e c) *os fios das questões políticas*, compreendidos por nós como os que mais precisam de visibilidade para os profissionais de educação, pois muitos educadores não conseguem perceber que os saberes escolhidos – para compor o currículo escolar e os modos como os mesmos são dinamizados – inscrevem politicamente os docentes em ideologias que imprimem visões de mundo, de conhecimento, de escola, de educação, de homem etc. Assim, os textos aqui reunidos poderão nos ajudar a compreender que a formação docente é constituída por três elementos estruturantes e/ou inseparáveis: o conhecimento, a prática pedagógica e a dimensão política dos saberes e fazeres docentes.

“El maestro es el mensaje: medios, mediadores y mediaciones en la educación mediatizada para el siglo XXI” é o título do capítulo de Diego Leandro Marín Ossa, capaz de provocar reflexões sobre a relação entre mídia e educação. O texto instiga o pensamento de que a formação docente realiza transcendências institucionais. Assim, reconhecemos toda importância das escolas de

formação, mas constatamos que elas não são a únicas responsáveis por desenvolver a capacitação profissional. No desenvolvimento de suas responsabilidades, essas instituições conscientizam os sujeitos de seus inacabamentos, o que exige que os mesmos tenham o compromisso de reconhecer a necessidade de atualização constante dos conhecimentos por meio da formação continuada. O momento histórico se encontra contemplado pelo avanço das tecnologias e potencializa o uso das mídias, que pode ser interpretada como uma caixa de ressonância de informações, proveniente do exercício autônomo e investigativo do docente. Tais ações de troca de saberes, experiências e partilhas de informações podem ampliar a formação docente, uma das apostas de Ossa em seu texto, além de pensar outras dimensões que afetam a formação profissional. “A educação mediada, a mídia, os mediadores e as mediações são consideradas no contexto dos processos de educação midiática, da alfabetização midiática e do desenvolvimento da competência midiática, usando o aprendizado orientado para a ação ou aprendendo/fazendo, o roteiro de enredo de aprendizagem ou aprendizagem.”

O segundo capítulo desta parte, “Educação e relações raciais: formação continuada de professores”, foi escrito a quatro mãos por Iolanda de Oliveira e Elson Luiz Barbosa Filho, pesquisadores que se dedicam a estudar as questões étnico-raciais. Tal discussão é de extrema importância para garantir o constante debate, tanto nos espaços quanto nos materiais que mobilizam a formação inicial e continuada de professores. A temática, quando discutida nos espaços escolares pelos docentes, ajuda a promover uma tensão social em relação às concepções de mundo, de homem, de conhecimento e de sociedade, que se constituíram em diálogo com o processo de colonização do nosso país. Considerando as questões que levantamos, o texto reflete sobre as que emergem no “curso de formação continuada em nível de especialização,

ministrado pelo Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira (Penesb), intitulado *Educação e Relações Raciais*. O curso fez “algumas considerações sobre o tema racismo e sobre a sua necessária inclusão na formação acadêmica, devendo-se também incorporar nesta formação as teorias que comprovam a ausência de sustentação científica deste tipo de comportamento”.

Carina Rattero escreve “Hazlo conmigo: ensayos en la experiencia de formación”, um texto em que compartilha sua experiência na docência universitária com a disciplina de estágio. A pesquisadora potencializa o encontro entre a escola e a universidade, entendendo que este é um momento importante no processo de formação, no qual os estudantes efetivamente se aproximam e efetuam uma triangulação entre os conhecimentos da formação inicial, os saberes sociais e encarnados sobre o espaço escolar e os seus protagonistas e a experiência que se origina das observações, debates, estudos e reflexões, que nasceram da inserção de campo. Este trabalho com o estágio propõe um exercício de confrontar olhares e interpretações “com os outros no encontro com professores, alunos, modos de fazer para ver e de onde olhar a distância; e também encontro ou desacordo com o que, por sua natureza – humana, política, eventual – entra em cena sem tranquilizar previsões ou certezas. Uma experiência não livre de tensões, que envolve o aluno em uma rede de relacionamentos preexistentes em que ele é tanto um aluno quanto um futuro professor”.

O capítulo “Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão: processos formativos entre redes e coletivos docentes”, de Mairce Araujo, aprofunda reflexões que nos provocam pensar o diálogo entre a formação inicial e a formação continuada. Pensando a instrução atrelada às diferentes linguagens, a pesquisadora explora as articulações entre a escola e a universidade. A movimentação de possibilitar diálogos entre as professoras regentes e os estudantes de pedagogia possibilitou a criação de redes formativas que

ajudam os sujeitos envolvidos a reconhecer, refletir e pensar, coletivamente, encaminhamentos possíveis para as questões educativas que emergem do cotidiano escolar. Para Mairce Araujo “ir ao encontro de professores e professoras nas escolas, nos sindicatos, nos espaços de formação promovidos por secretarias de educação *com a alma encharcada e repleta de chão*, para ouvir suas histórias, compartilhar suas narrativas, dividir as angústias, as dúvidas, rir e chorar juntas, tem nos permitido ser parte do movimento de construção de uma *ecologia de saberes* (Santos, 2000) sobre a escola, sobre o processo de ensino-aprendizagem e sobre o ser professor, que traz para a cena principal as vozes docentes, reconhecendo-as como interlocutoras legítimas de uma história das práticas e dos saberes do magistério que, muito frequentemente, tem insistido muito mais em falar *sobre* elas, do que *com* elas”.

“A complexidade da escola contemporânea e a multiplicidade de papéis do professor/educador”, escrito por Ana Vieira e Ricardo Vieira, é o texto que encerra a seção. Trata-se de um texto que reflete sobre a importância da plasticidade do trabalho docente, ponderando elementos que evidenciam a dimensão da autoria do fazer pedagógico e seus diálogos com os sujeitos e contextos aos quais se destinam. Os pesquisadores pensam a ação docente a partir do conceito de mediação, sendo o docente um mediador entre os sujeitos envolvidos no processo: comunidade escolar, professores, estudantes, família dos educandos e a comunidade no entorno da instituição educativa, entre educando e conhecimento. Os estudos que o texto evidencia afirmam que “o professor/educador tem de ter conhecimento do meio e do território e usá-lo com propriedade no processo de ensino-aprendizagem. Tal fato obriga o envolvimento com as famílias e a comunidade, ao trabalhar com todos os agentes sociais, desenvolvendo processos de comunicação e criando projetos comuns que fomentem a inclusão cultural, social, religiosa, de gênero, etária etc”. As questões em jogo

no texto visibilizam que a formação docente se tece por meio da articulação da micropolítica desdobrada a partir do cotidiano escolar e dos sujeitos que a ele encontram conectados. Todo o trabalho de pesquisa apresentado ao longo deste capítulo confirma que a formação de profissionais, no campo da educação, tece-se por uma trama complexa que entrelaça saberes, práticas e políticas.

A parte que encerra o livro é nomeada “Movimentos sociais e direitos à educação na América Latina”. Nela, pesquisadores compartilham seus estudos e suas pesquisas, apresentando discussões nos campos formativos, investigativos e em contextos de desenvolvimento das práticas pedagógicas. Tais reflexões apontam caminhos e descaminhos, inventados por diferentes atores sociais, na mobilização de ações instituídas e/ou instituintes que buscam garantir o direito à educação no Brasil e na América Latina. Retoma a informação de que nos encontramos em um momento histórico no qual, em todo o planeta, há uma movimentação política que avança pautando as seguintes questões: a) revogação dos direitos sociais; b) privatização dos serviços públicos; c) realização por parte do poder público de cortes e/ou estagnação de investimentos em saúde e educação; d) desmonte da seguridade social; e e) criminalização dos movimentos sociais. Considerando, as ações que acabamos de citar, pautadas em uma crise internacional do capitalismo – que afeta principalmente os países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento –, vislumbramos o levante de um pseudodiscurso de austeridade assumido pelos governantes, como uma alternativa para saída da crise. Tal austeridade não passa pela movimentação (re)distribuição de renda, reavaliação tributária, reforma político-econômica e agrária, congelamento da inflação etc. As ações centram-se no abandono das obrigações do Estado com a população, no que diz respeito à garantia dos direitos mais básicos: saúde, educação, habitação e trabalho. Os textos que aqui trazemos, direta ou indiretamente, desvelam que a retomada e

a ressignificação dos movimentos sociais são uma das formas mais potentes de obrigar os governantes a retomar o compromisso com a diminuição das desigualdades sociais.

“A educação ambiental crítica e a contextualização à realidade socioambiental latino-americana”, por Carolina Alves Gomes de Oliveira, Bárbara Pelacani, Marcelo Stortti e Celso Sánchez, é um capítulo que traz reflexões que ponderam a complexidade da subjetividade moderna, pensando as tensões entre as relações regulatórias e emancipatórias nas questões que envolvem a relação entre homem e meio ambiente. O texto tem o cuidado de pensar suas questões, a partir dos estudos das epistemologias do sul. Portanto, pensa o meio ambiente e os processos educativos não apenas considerando as lógicas científicas. Há uma priorização no (re)conhecimento e respeito às lógicas sociológicas e antropológicas dos povos latinoamericanos, que pensam a relação entre homem, natureza e tecnologia não apenas de forma exploratória, mas considerando o homem como parte de uma natureza que é finita. Logo, precisa ser cuidada, pois o fim de cada um de seus elementos tem reflexos no ocaso da espécie humana. Os estudos partem de “tensionamentos, buscando refletir como a questão ambiental na América Latina, traz à tona o que entendemos como a necessidade de uma educação ambiental *desde el Sur*, ou seja, estamos buscando essa educação ambiental encharcada de chão, de povo, de gente, de histórias, de relações, de afetos e de afetações. Busca o diálogo com as demandas dos movimentos sociais que lutam pelo direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, das comunidades negras e indígenas que resistem e *reexistem* no território ancestral, das mulheres que reinventam e dão novos sentidos às formas de resistência e *reexistência* e de sustentabilidade e das demais identidades subalternas, oprimidas, ‘esfarrapadas’ que colorem a sociodiversidade do solo latinoamericano”.

O segundo capítulo que trazemos, “A experiência do *ArtCreche* em São Gonçalo: movimentos sociais e a formação política de mulheres na luta por creches”, escrito por Maria Tereza Goudard Tavares e Cintia Larangeira, é fruto de uma pesquisa que possibilita o reconhecimento da importância dos movimentos sociais no processo de formação dos sujeitos. O texto torna possível a identificação de um dos múltiplos caminhos para a reivindicação dos direitos sociais: a mobilização política. Assim, a “ascensão” de um direito ao campo legislativo evidencia apenas parte da vitória dos que conseguiram fazê-lo tornar-se lei. Depois de tornar-se “lei no papel”, outra luta começa: fazer com que o mesmo seja garantido à população. Isso não ocorre, infelizmente, em nosso país sem a mobilização política. O *ArtCreche*, em São Gonçalo, busca organizar a população para fazer com que o direito constitucional à educação infantil se torne uma realidade, uma vez que o município ainda não garante educação a todas as suas crianças. O movimento *ArtCreche* existe desde 1980 e vem se “construindo uma pauta de demandas e lutas junto ao poder público e à sociedade civil em São Gonçalo, uma das três maiores cidades do estado do Rio de Janeiro e a 14ª maior metrópole do Brasil. Além disso, apresenta um enorme contingente de crianças de zero a três anos, das quais apenas 5% estão inseridas em algum tipo de equipamento público e/ou conveniado de educação infantil, especialmente em creches públicas”. O trabalho de pesquisa das autoras evidencia como a articulação dos movimentos sociais formam politicamente os envolvidos e anunciam outros contornos para a garantia do direito à educação das crianças pequenas em São Gonçalo.

Márcia Alvarenga e Adriana de Almeida trazem, para contribuir com a seção, o capítulo “Política nacional para a formação de educadores de jovens e adultos: disputas e sentidos”. Este aborda reflexões importantes quando cruzamos informações ligadas a quantidade de crianças e adolescentes que são privados do direito



à educação na América Latina, pelas seguintes questões: a) ausência de oferta de vagas no sistema público educacional; b) abandono da escola pela dificuldade de acompanhamento da cultura escolar instituída; e c) abandono da escola por necessidade social de inserção no mercado de trabalho. Assim, pensar caminhos político-pedagógicos para garantir que todas as crianças e adolescentes tenham direito à escola e condições para a permanência na mesma é urgente, tanto quanto pensar ações para garantir que jovens e adultos possam ter direito e/ou retornar à escola, a fim de que possam dar aprofundamento e/ou continuidade à sua formação humana, social e cultural. No texto, as autoras mapeiam as ações políticas que ponderam caminhos para a garantia da educação de jovens e adultos. Segundo as autoras, “a questão sobre políticas de formação de professores de jovens e adultos reflete e refrata este paradoxo de prioridades que se acumularam e pouco, ou residualmente, foram postas nas agendas governamentais que visam garantir o direito à educação, com qualidade, para jovens e adultos trabalhadores, já no contexto do Estado Democrático de Direito”.

Fechando a quarta parte, apresentamos o capítulo, “Pedagogia da preguiça: inspirações macunaímicas para pensar a escola e o Brasil contemporâneo”, escrito por Luiz Fernando Conde Sangenis. O pesquisador, na composição do capítulo, apresenta suas discussões, em diálogo com elementos de uma obra de Mário de Andrade. Isso nos possibilita pensar as questões pedagógicas a partir de referências decoloniais que nos fazem romper com o modelo pedagógico eurocêntrico, ainda muito presente em nossas escolas de formação inicial. Sangenis afirma que “a pretensão deste ensaio é a de trazer as contribuições de Mário de Andrade, com *Macunaíma*, para esse diálogo atual, necessário e instigante, de modo a fazer reverberar as suas consequências no âmbito da educação. Mais que isso, buscamos encontrar caminhos possíveis que possam ser percorridos, ainda que com riscos, no empenho

de superação do que nos aflige em nossas escolas e nas sociedades periféricas nas quais estamos inseridos. Daí propormos uma pedagogia da preguiça que se configura contrária aos rumos que o capitalismo vai impondo à escola e à sociedade”. O texto traz provocações importantes para se pensar uma outra pedagogia, considerando o reconhecimento cultural dos países da América Latina, que passaram por um perverso processo de colonização. Tentou-se apagar as formas de ser, de pensar, de viver e de produzir conhecimentos, tanto dos povos originários quanto dos escravizados ao longo do processo de colonização.

O presente livro é compreendido como uma caixa de ressonâncias das vozes que se fizeram presentes no VI Seminário Vozes da Educação. Ele não apenas ressoa as vozes presentes no referido evento, como também traz diálogos consonantes e dissonantes, produzidos por diferentes pesquisadores que, ao longo dos vinte anos do Grupo Vozes da Educação, buscaram estabelecer diálogos sobre *memórias, histórias e formação de professores*. Defendemos que esse livro pode ser considerado uma caixa de ressonância, porque acreditamos que os capítulos aqui presentes provocarão em seus leitores o desejo de falar, conversar e dialogar com seus pares sobre as reflexões que se encontram entrelaçadas por diferentes vozes que atuam no campo da educação no Brasil e na América Latina.